Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

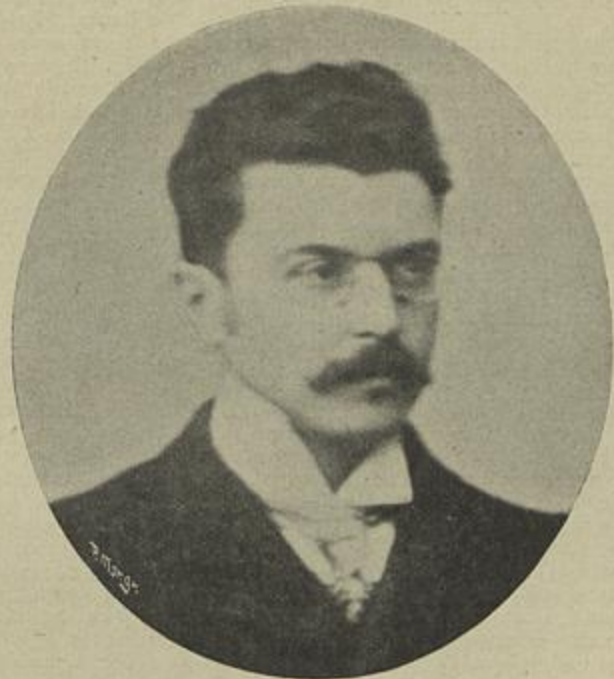
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1022

20 DE MAIO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus. 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

OS NOVOS MINISTROS

Conselheiro Dr. Luciano Monteiro
Ministro dos Estrangeiros

Conselheiro Dr. Fernando Martins de Carvalho
Ministro da Fazenda

Chronica Occidental

Foram dissolvidas as camaras; está o governo em dictadura.

Se assim procurava socego, não parece que lh'o queira consentir a opposição, que vai tornar-se violentissima, sobretudo talvez por parte do partido progressista, os alliados de ha meia duzia de dias.

Assim foi resolvido na conferencia do sr. Hintze Ribeiro com o sr. José Luciano de Castro.

E' do teor seguinte a declaração official da commissão executiva do partido progressista: «A commissão executiva do partido progressista, considerando que a resolução do governo, de não convocar os collegios eleitoraes e de fazer administração em dictadura, constitue de facto a suspensão da Carta Constitucional, e considerando como illegaes para todos os effeitos as providencias decretadas em dictadura pelo actual governo, resolve, de acordo com as demais opposições monarchicas, empenhar os seus esforços afim de conseguir o restabelecimento da normalidade constitucional.»

A declaração do partido regenerador é perfeitamente identica, não sómente no sentido, mas até nas palavras.

A reunião da commissão executiva progressista realisou-se em casa do sr. José Luciano de Castro. Foi de curta demora, mas animadissima, segundo informações de alguns jornaes. A' reunião em casa do sr. Hintze Ribeiro concorreu grande numero de regeneradores, que muito applaudiram o seu chefe, quando este pronunciou estas palavras, definindo a attitude que o partido deve tomar na presente conjunctura: «Nada inutil, nada escusado, tudo quanto fôr necessario, e até onde fôr preciso.»

O Dia, orgão dos dissidentes, faz a seguinte declaração: «Os progressistas dissidentes, mantendo se fieis ás declarações publicamente feitas de que acompanham o movimento de todas as opposições contra o golpe de estado e actos dictatoriaes subsequentes, teem aguardado as resoluções collectivas dos partidos monarchicos, aos quaes, por todos os motivos e em tão grave conjunctura, entendem não dever disputar qualquer prioridade. Entretanto, julgando conveniente não demorar por mais tempo a realisação d'algumas das suas resoluções, manteem-se aliás na sua firme intenção de acompanhar quaesquer outras, que os partidos, em legitima defeza das liberdades publicas e vigoroso protesto contra o que se está passando, queiram levar a effeito, conforme a declaração hoje publicada.»

Conselheiro Dr. Teixeira de Abreu
Ministro da Justiça

No comicio hontem realisado nos terrenos em frente do hospital Estephania, ao qual presidiu o sr. João Pinto dos Santos, fallaram os srs. drs. Pedro Martins lente da Universidade de Coimbra e os srs. Visconde da Ribeira Brava, e dr. Cunha e Costa, Thomaz Bicker, e o lente da Universidade, dr. Francisco Fernandes, que apresentou a seguinte moção: «Em comicio publico o povo de Lisboa protesta com a maior vehemencia contra o golpe de estado de 10 de maio e a dictadura. E reconhecendo a necessidade impreterivel de se assegurarem todas as liberdades politicas e individuaes, affirma a urgencia de restabelecer a normalidade legal. E resolve usar de todos os meios necessarios para combater os actos dictatoriaes e para contrariar a marcha do governo que conduz o paiz á bancarota politica e financeira e ao descredito internacional.» Todos os oradores foram muito applaudidos.

Tambem os nacionalistas se reuniram na sala do Centro e decidiram publicar no *Portugal* a seguinte declaração: «A commissão executiva do partido nacionalista, fiel ao seu programma, reprova a actual dictadura e resolve empregar os meios legaes, que julgar convenientes e opportunos, para o restabelecimento da normalidade constitucional.»

No sabbado reuniu o directorio do partido republicano, com a commissão municipal e delegados das commissões parochiaes, afim de regularisar e systematisar sua opposição á obra do governo, que será intransigente e energicamente levada, na independencia da dos partidos monarchicos.

Parece que o partido republicano tenciona realisar comicios no Porto e em Lisboa, devendo este ultimo realisar-se no proximo dia 26, domingo.

Chegou definitivamente o verão, com dias esplendidos e até de bastante calor; mas, segundo parece, o governo não se verá tão cedo em ferias, por muito que o tentem melhores ares e sombras de arvoredos. Vê-se que a opposição tenciona correr valentemente para a brecha, e o terem acabado os tumultos na camara, não foi toque de recolher a quarteis.

Os processos de imprensa continuam discutidissimos e não seria decerto agradavel para o governo a decisão do tribunal que decidiu não haver motivo para condemnar o jornalista do *Paiz*, sr. Meira e Sousa, que foi o primeiro a ser julgado.

Mais concorrido ainda foi o julgamento dos srs. França Borges e Arthur Leitão, redactores do *Mundo*, que sabbado, por delicto de imprensa responderam no tribunal da Boa Hora, sendo o sr. Leitão absolvido e o sr. França Borges condemnado a cem mil réis de multa.

Com tantos acontecimentos politicos, ou mais ou menos, á politica ligados, claro é que apenas d'esta se tem conversado, estes dias, por toda a parte. Mas o peor é o caso grave dos estudantes a que por ora se não encontrou solução. Já os paes entregaram o caso nas mãos de El rei, que prometteu interessar-se pelo assumpto; diz-se que serão amnistiados os sete estudantes condemnados quando do julgamento feito na Universidade; muitos boatos correm, que trazem os animos sobresaltados; mas estamos no ultimo terço do mez de maio, e o mesmo ponto de interrogação de ha mezes continua a produzir insomnias.

O sr. D. João de Alarcão, que havia pedido sua demissão, desistiu d'esta e ficará exercendo seu cargo de reitor até conclusão do conflicto. E' a mais agradavel noticia que podemos dar a quantos pelo assumpto se interessam. A esperança d'uma boa solução transforma se quasi em certeza.

Bem nos palpitava que noticias de politica nos haviam ainda de gastar muita tinta n'estas chronicas.

Politica, estudantes, incendios! Pois nem os incendios nos querem dar descanço! Foi o incendio nas medas de pinho, mesmo junto á feira de Alcantara; foi o caso romanesco do homem que, ha dias fez em Elvas declaração de haver largado fogo, ha desaseis annos, a uma mercearia do Campo de Santa Clara.

Se ao fogo de Alcantara lhe não acodem tão cedo, se, em vez de ser ás duas horas da tarde, tivesse rebentado alta noite, talvez pouco restasse a estas horas do que constitue na actual epoca o divertimento predilecto da população de Lisboa.

Conservam ainda abertas suas portas os theatros; mas o calor já entra de volta comnosco, e, dentro em pouco, o publico, a não ser que o atraia algum novo exito, como o *O' da guarda!* fugirá das salas fechadas para respirar mais livremente.

O verão chegou. Telegrammas da Guarda, onde o inverno se mostrou mais rijo, annunciam que o sol entrou nas festas da inauguração do sanatorio Sousa Martins, que se realisou com a assistencia de El-rei, sr. D. Carlos e da rainha, sr.ª D. Amelia, A cidade, cheia de forasteiros, esteve em festa, Era riquissima a ornamentação do velho templo onde se realisou o *Te-Deum*. A' noite houve fogo de vistas e illuminação á moda do Minho.

Outra viagem maior se prepara. Dizem que a sr. D. Amelia acompanhará El-Rei ao Brazil. Assim o communicou o ministro portuguez, sr. Camello Lampreia, ao redactor da *Tribuna*, jornal do Rio de Janeiro. Vae o maior enthusiasmo na cidade brazileira.

Palavras do telegramma do ministro dos estrangeiros, ainda então o sr. Luiz de Magalhães, ao representante de Portugal no Brazil: «Accentuo a V. Ex.ª quanto nos penhora a gentileza do convite e a esperança que tem o governo portuguez de que esta viagem contribuirá para estreitar e consolidar cada vez mais, se é possivel as relações faternaes que unem os dois povos.»

Para o Brazil partiu, ha dias, o nosso grande concertista Vianna da Motta, depois de tres bellos concertos que deu em Lisboa, n'um dos quaes tomou parte tambem outra gloria portugueza, a já celebre violoncellista, Guilhermina Suggia.

E, já que falamos de musica, não deixemos de mencionar o concerto que ha dois dias, se realisou no Conservatorio, em beneficio das victimas do incendio da Magdalena e em que revelou seus continuos progressos a antiga alumna, Herminia Alagarim, discipula de Augusto Machado. A sr.ª D. Amelia Ribeiro, discipula de Rey Colaço, executou ao piano trechos de Mendelsohn, Schunann e Chopin; o violinista sr. Luiz Barbosa, discipulo de Cardona tocou trechos de Mendelsohn, Hubay e Bazzini. E todos foram applaudidissimos.

Terminamos com duas excellentes noticias theatraes. Representou-se em D. Maria a *Escola de Mulheres*, de Molière, traducção de Coelho de Carvalho. Realisa-se hoje no mesmo theatro o beneficio da velha Emilia Candida, reapparecendo a actriz Virginia.

E talvez, por alguns momentos, possa a gente esquecer politica, estudantes e incendios!

JOÃO DA CAMARA.

OS NOVOS MINISTROS

No desempenho da missão de, nestas paginas arquivar os factos que constituem a historia do nosso tempo, temos hoje a registrar a recomposição do ministerio presidido pelo sr. conselheiro João Ferreira Pinto Castello Branco, desde maio do anno passado.

A recomposição foi motivada pela sahida de tres ministros que, segundo as declarações do governo, não podiam continuar naquelles cargos publicos, porque negocios particulares reclamavam as súas atenções.

Ficaram assim vagas a pasta da fazenda, gerida pelo sr. conselheiro Ernesto Driesel Schröter, a dos estrangeiros da gerencia do sr. conselheiro dr. Luiz Magalhães e a da justiça do sr. conselheiro José de Novaes.

Concedida pelo Chefe do Estado a recomposição do ministerio, procurou o sr. presidente do conselho preencher aquellas vagas com membros do partido progressista, para melhor definir — parece — a situação politica do átual momento historico, denominada Concentração Liberal. Não encontrou, porém, no partido progressista quem aceitasse nehuma das pastas vagas, embora esse partido continuasse a apoiar a situação, como o declarou pela bôca do seu chefe.

Nestas circunstancias o sr. presidente do conselho procurou recompor o ministerio com os seus amigos politicos e convidou: para a pasta da fasenda o sr. dr. Fernando Martins de Carvalho, para a dos estrangeiros o sr. dr. Luciano Monteiro e para a da justiça o sr. dr. Teixeira de Abreu.

Os novos ministros entram pela primeira vês nos conselhos da corôa.

O sr. conselheiro dr. Luciano Monteiro é o mais velho dos tres, como tambem é antigo parlamentar. Militou no partido regenerador, do qual se apartou em 1901, para seguir o schisma regenerador-liberal. Foi convidado, em 1900, para fazer parte do ministerio organisado pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, mas declinou essa honra. Quando o anno passado se organisou o actual governo tambem foi convidado a fazer parte d'elle, mas inda dessa vês recusou. É par do reino, nomeado na ultima fornada. De ha muito tem estabelecido seus creditos como advogado e é presidente da assembléa geral da Companhia do Gaz e Electricidade.

O conselheiro sr. dr. Teixeira de Abreu é lente da Universidade de Coimbra e advogado distinto. Deputado desde 1900, revelou seus dotes parlamentares e suas idéas um tanto democraticas. Isto não o impediu de ser agora o relator da nova lei de imprensa, que defendeu na camara com toda a vehemencia do seu talento. Com tão pouco tempo de tirocinio na arena politica, não nos lembra que outro parlamentar ascendesse a ministro.

O sr. conselheiro dr. Fernando Martins de Carvalho é o mais novo, nos parece; dos novos ministres e a sua carreira parlamentar tambem não vem de longe. Neto de Joaquim Martins de Carvalho, o velho liberal fundador do *Conimbricense*, não admira que nas veias lhe corra sangue bem vermelho que o impelio ás idéas mais avançadas do seu tempo, militando no partido republicano, nos primeiros annos da sua carreira politica. Nos ultimos tempos, porem, deixou aquelle partido e filiando se no schisma regenerador liberal, depressa chegou a ministro da fazenda, a pasta sem duvida de maiores responsabilidades, que de ha muito vem assoberbando os mais esperimentados. O sr. dr. Martins de Carvalho é um advogado distinto e um jornalista vigoroso, um lutador parlamentar com talento e qualidades de trabalho. Na ultima sessão legislativa foi relator do orçamento geral do Estado, o que provavelmente o indicou agora para ser convidado a gerir a pasta das finanças.

A MÃE ESPARTANA

(VON COLLIN)

O FORASTEIRO

Quem é aquella donna na lousa?
Assim, sem movimento, p'ra alli,
Inerte, p'ra um escudo a olhar!

O ESPARTANO

Ah! é a mulher de Lycómedes.
Juncto ao tumulo do filho de senta;
E, qual estatua de marmore, immota,
O olhar prende a um amado broquel.

O FORASTEIRO

Mas porque se antolha ella assim, estarrecida,
Só p'ra o escudo do filho a olhar?

O ESPARTANO

N'esse escudo esse seu filho trouxeram,
N'elle á mãe foram o filho entregar.

O FORASTEIRO

Bem haja, que como um bravo cahiu!
Bello e digno é p'la patria morrer!
E o que ás donnas de Esparta consola...

O ESPARTANO

E comtudo esta o chora sem fim...
O da manhã claro sol, a vê triste,
E o da tarde, a vê triste tambem.

O FORASTEIRO

Não será porventura de Esparta,
Será talvez alguma donna vulgar...

O ESPARTANO

Forasteiro, o que dizes, não digas!
Grande e nobre matrona ella é!

O FORASTEIRO

O feito aponta, Espartano, primeiro;
Virá depois o fallar lisonjeiro.

O ESPARTANO

Morreu-lhe o conjuge, no escudo;
N'esse escudo lh'o traziam, á villa...
Não chorou;
Depois, ao filho creou como heroe;
E, quando ephebo, e á vista o inimigo,
O mesmo escudo ainda ao filho entregou,
O do pae,
E lhe disse: «Ou voltas com elle, filho,
Ou deitado n'elle!»

O FORASTEIRO

Vem prestes, amigo, anda cá!
Quero ao perto ver bem quem o disse...

O ESPARTANO

E o disse a quem era um heroe.
«Deitado! deitado!» assim elle pensou;
E á pugna, valente, p'ra logo voou.
Mas, gemente, cahindo no escudo:
«Á mãe! á mãe me levae! oh! antes que morra!»
E á mãe o levaram, como ao pae fôra.
E quando á mãe querida o tal filho avistou:
«Deitado! deitado!...» expirando, exclamou.

O FORASTEIRO

Ah! pobre! o coração fendeu-se-te!

O ESPARTANO

Assistiu, silenciosa, á agonia;
Assisti , silenciosa, ao funeral;
E não chorou!
Mas, todos os dias, da alva ao romper,
Aos tectos fugindo, onde o filho lhe minga,
P'ra aqui vem a correr;
E se acaso, em caminho, lhe bradam: «P'ra onde?»
«P'ra o filho: o seu escudo lhe levo!
«Este escudo, onde em gloria da patria,
«Morte grande, o seu fado tão sevo,
«Quiz que, heroico, elle soubesse morrer.»

ALEXANDRE FONTES.

A BATALHA DAS FLORES

Na primavera de 1894, em quinta feira da Ascensão, um dia de festa e de sol, como foi aquelle que levou a alegria a todos os corações, sorrisos a todos os rostos, Lisboa despovou-se, correu pressorosa ao Campo Grande, onde se realisava uma batalha de flôres, promovida por meninas da nossa aristocracia, em beneficio de uma instituição tão simpatica quanto caridosa, um hospital para o tratamento de criancinhas, denominado *Santo Antonio.*

Lá está ainda esse hospital, na rua de Sant'Anna, á Lapa, sustentado em parte pelo produto capitalisado daquella festa, e pelos bolsinhos das que hoje são já senhoras, mas que não cançam na sua caritativa obra de cuidar dos pequeninos doentes que ali se acolhem, como a um refugio da miseria que os consome.

Foi essa batalha de flores a primeira que se realisou do Campo Grande, como a primeira a que o grande publico animou com a sua presença, e por isso aquella em que reinou maior entusiasmo.

A entrada era de 50 réis para os peões, e até lá entraram muitos de graça, tanta era a concorrencia impossivel de fiscalisar, mas isso não impediu que o rendimento subisse a cerca de quatro contos de réis, cifra importante se se atender no limitado preço das entradas, e que por si basta para demonstrar a grande concorrencia do publico.

Esta concorrencia não se dera antes nem se deu depois com outras batalhas de flores, e para isso influio não só o esplendido dia de real primavera, que então foi, mas todo o povo que em quinta feira da Ascensão vae por esses campos colher os ramos da espiga, e que por fim ali foi parar.

A tradição daquella festa, não deixaria de influir para que a Sociedade Propaganda de Portugal, escolhesse o mesmo dia e o mesmo local para realisar a sua Batalha de Flores este anno, esperando que ella fosse tão concorrida e animada como fora então.

Agora havia mais um estimulo para atrair o publico e animar os contendores: eram os valiosos e artisticos premios que a sociedade óferecia, mas infelizmente os resultados não corresponderam á espectativa.

Faltou um dos colaboradores principaes da festa, o sol, e sem elle esmorecem os entausiasmos; faltou a alegria que dá boa disposição dos espiritos, que, diga-se de passagem, não andam bem inspressionados, e tudo isto deve ter influido para o retraimento dos combatentes, sendo certo que o publico em geral é pouco propenso a estas expansões, como se tem provado em outras festas semelhantes.

A sociedade até óferecia gratuitamente cestos de flores para o combate, mas as senhoras não os aceitavam, e preferiam ir muito sisudas e quêdas em suas carruagens, quando não iam em *coupés* enclausuradas por entre cortinas, como se fossem acompanhar algum enterro.

Parece que todos iam para vêr os outros atirar flôres, fazer bulicio, alegrar-se e espandir-se em festa, e afinal poucos desempenharam esse papel.

Raro se animou um tanto a batalha, para logo esfriar o ardor da peleja. O campo era vasto, tão vasto que as filas de trens se interrompiam em alguns pontos que ficavam êrmos. Poucas carruagens e automoveis enfeitados; o mesmo com respeito a bicicletas. Cavalleiros primavam pela ausencia.

Não obstante a Rainha Senhora D. Amelia dar a nota animada da festa, como a que mais concorreu com seu exemplo, atirando lindas flôres, que não faltavam, com toda a graça e vivacidade de seu espirito gaulês, esse exemplo raro foi seguido e a pouco trecho a animação se retraía na reservada gravidade scismadoura de um acto triste, funebre.

Quando o juri reuniu pelas 6 horas da tarde, a batalha tinha queimado os ultimos cartuchos; os combatentes se não estavam extenuados, estavam pelo menos aborrecidos.

O juri, composto dos srs. Conde de Fontalva, presidente, José Sabugosa, Eduardo Romero, Augusto e Guilherme Pinto Bastos, conferiu os seguintes premios:

Ao automovel melhor ornamentado do sr. Elysio Mendes.

Ao carro mais luxuoso, do sr. Eduardo Santa Clara.

A' carruagem melhor ornamentada, do sr. Ernest George.

Ao *tanden* melhor ornamentado dos srs. Zenoglio e Fonseca.

O premio destinado ao cavalleiro que melhor se apresentasse, como não concorreu nenhum, foi conferido ás bicicletas ligadas dos srs. Caetano e José Aragão.

Entre os premios havia duas peças lindamente artisticas; um vaso de prata em estilo manuelino, e um relogio de mesa, em forma de liteira, tambem em prata, cinzelada, trabalho das oficinas dos srs. Leitão & Irmão, e que estiveram expostos ao publico na sua ourivesaria do largo das Duas Egrejas.

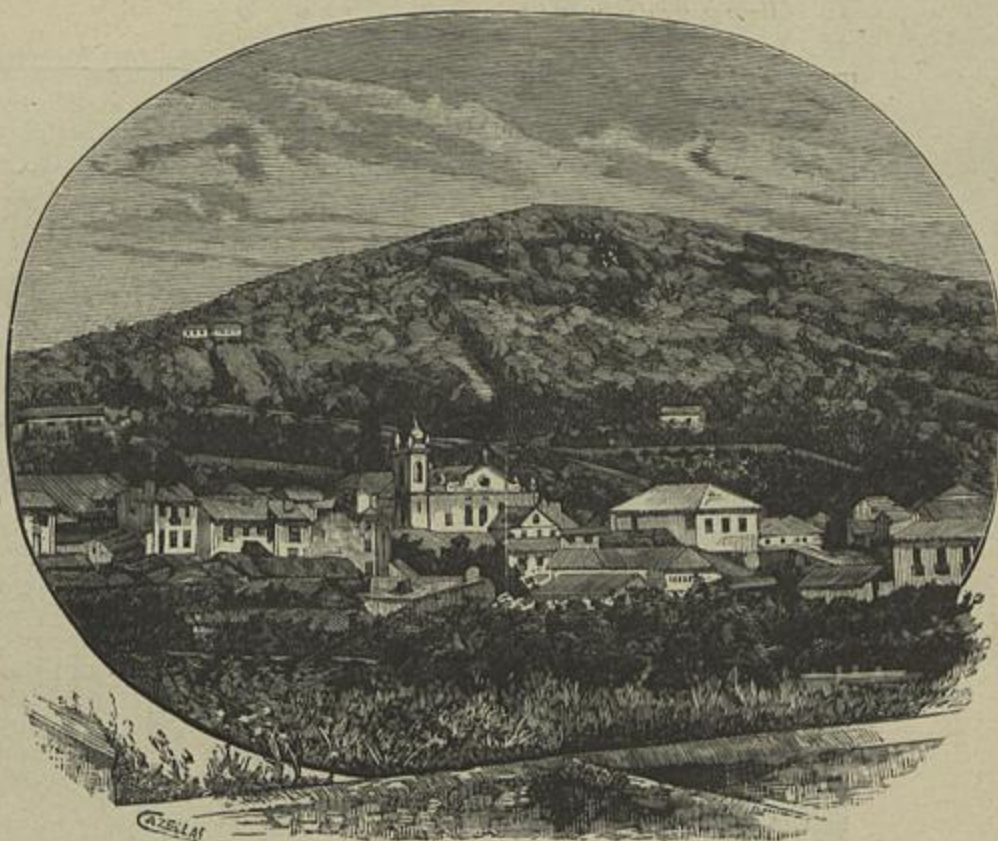
Houve tambem premios de honra que consistiam em bandeirinhas de seda de cores varias com a legenda: *Batalha de flôres — 9-5-907 — Premio de honra.*

Além dos automoveis, carros e bicicletas que receberam premio, concorreram mais os seguintes:

Automoveis ornamentados com flores, de Mademoiselle Ernest George e do sr. Adolpho Burnay; *Breack*, ornamentado com colchas de seda e flores, do sr. conde de Silves, e outro do sr. Moraes Sarmento enfeitado de grandes malmequeres artificiaes; *Charrete* ornamentada a rosas e lilazes, do sr. Salvador Levy. Varias bicicletas enfeitadas, de que destacaremos pela originalidade da decoração, a do sr. Augusto de Freitas. Esta bicicleta era toda coberta com finissimas rosas naturaes formando uma tartaruga, de lindo efeito, parecendo que devia ser uma das indicadas para premio, que afinal lhe não foi conferido.

Como dissemos, tudo fazia prever que esta batalha de flores, fosse das melhores que se tem promovido em Lisboa, pois nisso poz todo seu empenho a Sociedade Propaganda de Portugal, mas este divertimento parece ser planta exotica dificil de aclimar em nosso país, aliaz tão favoravel ás mais exquisitas culturas das cinco partes do mundo.

Não desanime a Sociedade Propaganda de Porgal; com trabalho e tempo Lisboa ainda virá a ser uma segunda Paris, para o que lhe não faltam as melhores condições naturaes, o que é muito, sendo apenas preciso arte e educação, o que não é pouco.

A parada agricola em Villa Franca de Xira

UMA VISTA DE VILLA FRANCA DE XIRA

Esteve em festa a pitoresca e antiga villa que D. Sancho I fundou na margem direita do Tejo a uns 44 kilomentros a E. de Lisboa, em estensa planicie, que aquelle monarca duou aos flamengos, para nella se estabelecerem, dando-lhe todas as franquias, de que lhe provem o nome de *Franca* e o sobre nome de *Xira*, corruptela de *Cira*, como então se denominavam os terrenos de matagal incultos.

Gloriosa é sua historia pela parte que sempre tomou nas guerras desdes os primeiros tempos da nacionalidade portuguêsa até as lutas que precederam a implantação do actual regimen, e se isso não basta se para a notabelisar entre as terras deste reino, mais tem ainda de que orgulhar-se por ter sido berço dêsse inclito e assombroso vulto da historia patria, que se chamou Affonso de Albuquerque, e que, em 1453, nasceu na quinta do Paraizo situado entre esta villa e a de Alhandra, do seu concelho.

Villa Franca parece querer ressurgir aos seus tempos aureos de importante centro comercial, e que o caminho de ferro, pondo-a em mais facil communicação com a capital, desviou para esta. Contudo não perdeu a vantagem de ser o celeiro da nossa provincia da Estremadura, pois ali arrecada as colheitas da grande cultura das Lezirias, que lhe ficam fronteiros no Tejo.

E' essa vantagem que melhor afirmou agora com a grande parada agricola que realisou, promovida pela camara municipal e uma commissão de lavradores e pessoas mais importantes do concelho.

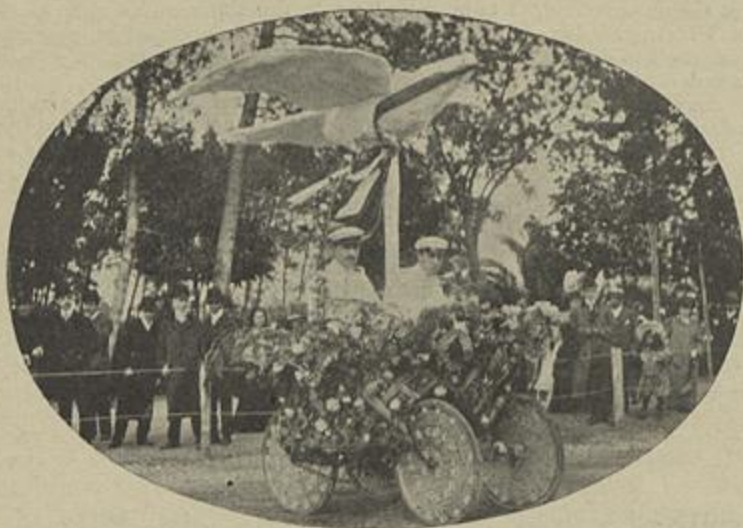
Em 1889 assistimos a uma parada deste genero, que se realisou em Elvas, para festejar a visita áquella cidade de suas altezas, então, o principe D. Carlos e a princesa D. Amelia. Foi a primeira festa agricola que, com tanto luzimento, se fez no país. (1)

A parada de Villa Franca, que se realisou no dia 12 do carrente, será a segunda de que temos noticia, assim importante, em que a lavoura de uma determinada região se representasse com suas melhores forças productoras.

Passou de vinte o numero de carros alegoricos que figuraram na grande parada e em que tomaram parte um grupo de 60 ceifeiras com seus trajos caracteristicos, assim como trabalhadores do campo e os valentes campinos das Lezirias com seu elegante vestuario de calção e meia, cinta, colete curto, jaqueta ao hombro, barrete, tudo em grande prefusão de côres, e empunhando as compridas varas guiadoras do gado. Elles constituiam um dos numeros da festa mais pitoresco e ao mesmo tempo mais varonil.

Os carros alegoricos eram na sua maior parte decorados com motivos agricolas, em que figurava toda a alfaia da lavoura, assim como produtos da mesma. Alguns, da Companhia das Lezirias, apre-

(1) Vide OCCIDENTE vol XII, 1889, pag. 46 e 50.

A Batalha das Flôres

Bicicletas premiadas dos srs. José e Caetano Teixeira de Aragão
(Cliché Alberto Lima)

«Tandem» premiado dos srs. Zenoglio e Fonseca
(Cliché Benoliel)

Um aspéto da Batalha das Flores — O Automovel premiado do sr. Elysio Mendes
(Cliché Benoliel)

Bicicleta do sr. Augusto de Freitas
(Cliché Carlos Moitinho de Almeida)

O carro premiado do sr. Ernest George
(Cliché Benoliel)

A Parada Agricola em Villa Franca de Xira

As ceifeiras
(Cliché J. Camacho)

Carro da Fabrica de Lanificios de Alhandra
(Cliché Benoliel)

Carro do lavrador sr. Carlos José Gonçalves
(Cliché J. Camacho)

O desfile da Parada Agricola
(Cliché Benoliel)

sentavam modelos de choupanas e casas rusticas, mas o que mais se destinguiu pelo bom gosto e arte de sua decoração foi o do lavrador sr. Carlos José Gonçalves que representava uma herdade com duas casinhas, horta e terra de semeadura, galinhas e outros animaes de criação, não faltando o cão de guarda e dois campinosinhos a caracter, que eram duas bonitas creanças, filhas do sr. Gonçalves.

Havia mais: um carro da Ceramica, da fabrica da Alhandra, o da fabrica de lanificios da mesma terrra, o da pesca, de Villa Franca, o da Industria, o do Comercio e Industria dos srs. Eduardo Reis e João Pereira, o da Camara Municipal, etc.

Varias filarmonicas do concelho abrilhantaram a festa com o seu concurso, e de Lisboa foi a banda da Armada.

A parada, formou-se no largo da Estação donde se desenvolveu precorrendo as ruas Serpa Pinto e do Caes, praça Affonso de Albuquerque, rua do Alegrete e Campo da Feira, dando volta para entrar de novo na rua do Alegrete e seguir pelas ruas das Pedras e do Curado, onde destroçou.

As ruas e praças estavam orladas de renques de pequenos pinheiros por entre mastros de bandeiras e festões de verdura formando decoração assaz pitoresca e apropriada. De muitas janelas pendiam ricas colchas de seda que davam certa opulencia á festa, além das senhoras que ocupavam essas janelas e com suas ricas *toiletes* e formosura, mais a animavam.

O concurso de povo foi enorme pois ali convergio muita gente das terras visinhas e de Lisboa.

A camara e commissão dos festejos que promoveu esta manifestação de vida da agricultura do Ribatejo compõem-se dos srs.: José Dias da Silva, dr. Affonso de Sousa, dr. Francisco Assis, Thomaz de Sousa Pereira, Julio Cesar Correia dos Santos, Carlos José Gonçalves, José Antonio de Sousa, Beja da Silva, Augusto Chamusco, João Luiz de Sousa, Antonio Dias da Silva, dr. Gens de Azevedo, José Augusto Ferreira, José Joaquim Benito, Marciano Franco, Antonio Luiz Lopes, Raul Rodrigues Leitão, Manoel Simões da Silva Marques, Frederico Torres, Joaquim Mendonça, Manoel Bezzina, Thomaz Bezzina, Filippe Guimarães, Joaquim Vidal, Carlos Alberto, Cardoso Gonçalves, Manoel de Sousa Neves Junior, José Ribeiro Thomé, José Antonio Mendonça, Joaquim Paulo Araujo, Joaquim Cancio, dr. Olympio da Silva, José Jorge Carreira, Thomaz Ferreira Bezzina, João Pereira Filippe, Domingos Pinto Ferreira, Marciano Antonio Marques e João Gonçalves Baptista.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VII

Summario

Quem era Lourenço Lombardo — Um mercador aventuroso — Suas viagens á India e á Costa da Mina — Inclina-se o mercador á vida religiosa — Desgostos intimos — Morre-lhe sua filha e sua mulher — Determina Lourenço Lombardo entrar para a Companhia de Jesus — Sua liberal proteção á casa do noviciado — Ultima-se o edificio á sua custa — Tenta o autor descrever a casa do noviciado da Cotovia — As capelas interiores — Citam-se algumas telas do noviço Domingos da Cunha — O plano do arquiteto Baltazar Alvares.

No ultimo quartel do seculo XVI veio de Flandres tentar fortuna a Portugal, terra então azada a similhantes emprehendimentos, um mercador, de nome Lourenço Lombardo, môço ainda e, como todos os flamengos, esperto e ousado em tratos de mercancia (1). Mal chegado ao reino, offerecendo-se-lhe ensejo de ir negociar a Africa, embarcou para a costa da Mina e, depois de ter agenciado alguns mil cruzados em escambos vantajosos, voltou ao reino onde casou com uma senhora, fi ha de um seu compatriota e de uma portuguêsa. O nome não sei de memoria que o diga.

Contivera-se o seu activissimo genio na quietação do *anno de noivos*, como então soia dizer-se. Passado algum tempo porem nem os carinhos da consorte, nem o balbuciar infantil de duas creanças, vindas ao mundo em bem funesta hora, o puderam prender ao remanso do lar. Era incompativel com o mercador aquella inação e a India misteriosa chamava-o de longe, acenando-lhe com todas as suas preciosidades e todos os seus encantos.

(1) Era natural de Ervens (Antuerpia). O autor do Codice Mss. da Biblioteca Nacional A-4-11 dá-lhe á data da vinda para Portugal, 30 annos.

Esse pais fantástico que as ármas portuguêsas andavam avassalando, que enchia de gloria os seus soldados e de especiarias as suas naus, constituio o sonho doirado do mercador que se sentio irresistivelmente atraido e fascinado.

O cravo das Molucas, a pimenta e o gengibre do Malabár, a canela de Ceilão, as sedas, os diamantes e as perolas eram os imans potentissimos que uniam a mãe patria á colonia, vencendo perigos e distancias; fonte de inexauriveis riquezas que, depois de atulhar mais os cofres dos particulares que os do estado, forçôso é dizê-lo, veio a ser a causa primacial da decadencia da India e da perda da nossa suzerania.

O mercador não resistio. O seu genio emprehendedor levou-o por duas vezes a essa região, cujas especies riquissimas negociou, angariando bastos cabedaes e deixando fama da sua pericia entre os comercios de Gôa e de Cochim.

Opulento, mas quebrantado dos muitos trabalhos que passára, voltou de vez a Portugal, para descançar e fruir em companhia dos filhos os bens que adquirira e que lhe facultariam vida folgada.

Não cuidou elle que o destino se apraz, muita vez, em contrariar lidimas aspirações. Durante a sua longa ausencia ensandecera-lhe o filho e neste triste estado o veio elle encontrar, inutil para si, para os seus e para a sociedade. Foi este o primeiro go'pe, serie de outros muitos, que soffreu o ousado flamengo, com a resignação de que mais tarde soube dar abundantes provas.

Era então Lourenço Lombardo, um dos estrangeiros mais ricos que residiam em Lisbôa. Esse ouro, porem, que ganhára á custa de muitas canceiras, não o entesoirava elle, como muitos, antes pelo contrario, o distribuia liberalmente em esmo'as, já pelos necessitados, já por obras pias e casas religiosas, á excepção dos bens que destinava ao patrimonio dos filhos onde elle concentrava todas as suas esperanças.

Por este tempo começou o mercador a frequentar S. Roque e a privar com os padres da companhia. Não sei se o desejo da vida devota e o exemplo dos padres o seduziu ou se o arrastou para ali o desgosto que tivera pela doudice do filho que enviára para Flandres, ignoro tambem por que motivo. O que é certo, é que pouco a pouco entrou de germinar no seu cerebro a ideia de entrar em religião, consolidando e assegurando previamente o dote da filha, para o que iniciou a construcção de umas casas no Moinho de Vento (1). Se ella casasse, pensava o flamengo, ficaria desimpedido de ligações que lhe tolhessem o recolher-se a um mosteiro, pois contava que sua mulher, desgostosa tambem, quizesse segui lo no intuito. Enganou-se, porém. A esposa *não estava muito facil* em fazer-lhe a vontade e preferia a liberdade á clausura, teimando que tanto se servia a Deus n'um mosteiro como cá fóra.

Esta teimice veio transtornar completamente os planos do mercador que desiludido já de conseguir os seus fins, passou a entreter o espirito, já repassado de misticismo, na direcção das obras das casas que andava edificando.

Estava elle na maior faina dellas, dirigindo o trabalho dos alveneis, quando a providenoia lhe veio facilitar a realisação dos seus desejos. Morrera-lhe a filha repentinamente e o mercador que principiava já a vêr, nesta sucessão de desastres a clara indicação da vida a seguir, vendo-se sem herdeiros e cada vez mais desejoso de enclausurar-se, tentou, por todos os meios, convencer a lacrimosa esposa — Baldado empenho! Sua mulher continuou resistindo a despeito dos seus mais convincentes argumentos—A pobre senhora detestáva a clausura.

Tinham-se concluido então as casas do Moinho de Vento e o desanimado flamengo foi habital-as. Passados dez dias de ali estarem instalados e não mais de vinte do falecimento da filha, acabaram de vez as discussões domesticas porque a mãe levára o mesmo caminho tão repentina e misteriosamente como ella.

Estas duas mortes, com breves intervalos e aparentemente similhantes, foram motivo de graves acusações contra a Companhia de Jesus. Não serei eu que a acuse nem tampouco que a ilibe da infamante nódoa. Não possuo dados suficientes para um libelo acusatorio, nem tenho argumentos de valor para a sua defeza. As doenças e mortes das pessoas ricas, quando sucedidas assim repentinamente e envoltas n'um veo de misterio, como estas, são sempre um labeo para os herdeiros e, n'este caso, os jesuitas estavam fatalmente indicados como tal. As aparencias são, na verdade, esmagadoras.

(1) Estas casas foram compradas por Roque da Costa Barreto. Em 1717 era dono dellas, seu filho Francisco Barreto.

A' consciencia de cada um cabe julgar a questão como entender — Eu, limitei-me, a referir o facto tal qual se deu, segundo o cronista, o mais desapaixonadamente possivel.

Liberto finalmente dos liames que o prendiam ás ultimas afeições terrenas, desatados um a um a golpes dolorosos, o mercador (a conselho do Padre Fernão Guerreiros, seu director espiritual) mandou vir o filho de Flandres, afim de o sujeitar a exame juridico — Este, realisado pouco depois, deu o por mentecapto.

Foi o ultimo golpe despedido pela mão da providencia (!) e que veio a embotar-se na resignação com que elle já temperára a alma, voltada para Deus. — A visinha casa de S. Roque, enaltecida naturalmente pela palavra persuassiva do Padre Guerreiros, chamou-lhe em particular as atenções e em breve o Flamengo, depois de repartir largamente os seus bens pelos parentes da falecida esposa, de casar rica uma irmã sua e de fazer liberaes esmolas, tomou o habito no noviciado da Cotovia, a favor de quem fez reverter a legitima materna do filho, caso elle continuasse naquelle estado. (1)

Em junho de 1613 tomou o irmão Lourenço os primeiros vótos em Campolide, voltando depois para a casa professa por que *«como elle era já entrado em annos e muito achacado dispensou com elle o reverendo Padre Geral para que fizesse o noviciado na casa de S. Roque»*. (2)

Ahi esteve ate março de 1614 — Nesta data foi para o collegio da Cotovia acompanhado pelo seu inseparavel confessor Fernão Guerreiros.

Lourenço Lombardo não quiz ser sacerdote e como em junho de 1615 já tivesse feito os chamados vótos de estudante, pediu ao padre geral o aceitasse professo de três vótos o que lhe foi imediatamente concedido em atenção aos inumeros beneficios de que lhe era credora a Companhia.

Finalmente, em 2 de junho de 1634, depois de ter dispendido o melhor da sua fazenda nas obras do noviciado, rendeu a alma a Deus. Foi enterrado no meio da sacristia em uma campa rasa com um simples epitafio.

Na parede fronteira colocaram-lhe o retrato, para memoria de suas boas obras — que, naturalmente o incendio de 1843 destruiu, se antes disso a mão irreverente de algum exaltado lhe não deu peor fim.

Foi pena! Pois não seria curioso, amigo leitor, se eu pudesse aqui estampar a fisionomia desta interessante porsonagem?

Como o irmão Lourenço *tinha muita agencia e industria de lidar com obras*, mal assumiu a direção da fabrica do edificio logo se principiou a gastar muito menos e a aproveitar muito mais. (3)

Em 1616 estava acabado o templo e no primeiro de novembro desse mesmo anno foi colocado o Santissimo em uma das capélas do cruzeiro.

Oito dias depois diz o cronista, fez-se solenemente á trasladação para a nova casa dos ossos dos fundadores que, ha nove annos, jaziam na sacristia de S. Roque, encerrados em um cofre de veludo negro com fechaduras douradas.

Foi imponentissima essa trasladação. Organisou-se o cortejo á porta de S. Roque, entre a multidão que se apinháva no largo defronte da casa professa e se alastráva desde ahi até á cotovia, bordando o caminho em duas álas compactas.

Nunca faltava o povo a estas ceremonias que constituiam o mais predileto dos seus escassos divertimentos. Emquanto cá fóra elle se agitáva de curiosa anciedade, faziam-se dentro do templo os ultimos preparativos; e os jesuitas, terceiros e outros religiosos, que tinham tomado a peito a organisação do cortejo, giravam azafamadas dando as derradeiras instrucções para o saimento fúnebre.

Os restos mortaes de Fernão Telles, que estavam colocados em um trôno armado no cruzeiro da igreja, foram então, em presença de numerosa assistencia, encerrados na tumba da Misericordia, onde elle fôra por varias vezes provedor (4). Findo o encerramento, os parentes do fundador tomaram o féretro nos hombros e sairam a porta do templo, rompendo a marcha do cortejo. Atrás caminhavam os jesuitas, depois os terceiros de S. Francisco

(1) A legitima era de 3.000 cruzados, que só mais tarde entraram em poder da Companhia, porquanto o mentecapto morreu muito depois do pae no colegio de Coimbra, (citado Mss. A 4 11 da B. Nacional). Os restantes bens do mercador, afora o dinheiro, compunham se de predios de moradia em Lisboa, os quaes deixou todos á Companhia — Eram ao todo 21 moradas de casas, na rua do Moinho de Vento, rua da Boa Vista, rua da Rosa e rua da Cutelaria — L.° das Rendas — Maço 10—Cartorio do Colegio dos Nobres — Torre do Tombo.

(2) Codice Manuscrito, já citado.

(3) Imagem da Virtude pelo Padre Antonio Franco, pag. 16.

(4) A Misericordia de Lisboa, pelo Sr. Victor Ribeiro — Lista dos Provedores.

e em seguida um interminavel acompanhamento de clérigos seculares, religiosos de varias ordens, diferentes irmandades, muitos fidalgos e não menor quantidade de povo. Iam todos, de vellas acêsas, entoando canticos.

Subiu, assim organisado o funebre cortejo, a lomba dos Moinhos de Vento, por entre a turba que, á sua passagem, se descobria respeitosamente e, ladeando os terrenos onde cento e tantos annos depois se havia de erigir a Patriarcal, parou finalmente á porta do noviciado onde os noviços haviam preparado uma recepção condigna.

A igreja da casa de provação estava toda coberta de panos de luto e alumiada por milhares de luzes. Junto ao carneiro que esperava os ossos de Fernão Telles, erguia se uma eça de 7 degraus. Ahi foi o caixão colocado.

Entrado o cortejo no templo, a breve trecho encheu-se este completamente e, depois de se cantarem oficios solenes e se disserem muitas missas por alma do fundador, foi o seu corpo descido á sepultura acompanhado de todos os presentes, entre o murmurio das orações e os canticos dos religiosos.

Ali ficou o regedor das Justiças dormindo o ultimo sono, á sombra daquellas paredes que a sua piedade fundára esperando sua esposa que annos depois se lhe foi juntar no socego do tumulo (1).

*

Em 13 de junho de 1619, dia de Santo Antonio, entraram os noviços a acomodar-se no colegio, graças ás instantes diligencias do provincial e á energia e promptidão com que o irmão Lourenço dirigira as obras. Mas nem o edificio para o noviciado nem a igreja ficaram concluidos. Apenas se ultimára o indispensavel para a instalação dos noviços, como os cubiculos para estes, o refeitorio, a cozinha (2) e outras oficinas de urgente necessidade (3).

O edificio, tal como o delineára Baltazar Alvares, possuia dois andares atravessados de extensos corredores de abóboda, desabafados e alegres. Tinha quatro fachadas, todas com esplendida vista.

A do nascente olhava a cidade debruçando-se vaidosa no rio; a do sul abrangia um largo e formosissimo panorama e ao norte e poente ficava o edificio sobranceiro ás hortas e quintaes que por aquelles sitios abundavam (4).

A face sul constituia a fachada principal e, em quasi todo o seu comprimento, corria um taboleiro de cantaria, levantado do chão á altura de uma lança, para o qual se subia por duas escadas lateraes (5), *para os que ali vão se poderem encostar e lograr a bôa vista que a seus olhos oferece o sitio* (6). A meio desta fachada ficava a igreja. A sua frontaria de singela aparencia compunha-se de três córpos, separados uns dos outros por duas pilastras dóricas. No do meio, que era o mais largo e se prolongava em altura formando um corpo superior, abria-se a porta principal, e nos lateraes havia mais duas portas cujas minucias arquitetónicas se tornam pouco perceptiveis nas gravuras e vistas-plantas que vi e consultei. Sobre esses três corpos corria uma arquitráve que sustentava uma especie de varanda de cantaria, terminando nos extremos por dois ornamentos em forma de basilicas.

No prolongamento do corpo central, que acabava em bico, rematado por uma cruz, havia, entre dois apainelamentos e superior a um relogio, o janelão do côro, pelo qual a igreja recebia claridade. De como era o templo interiormente tratarei a seu tempo.

Vamos agora visitar o edificio, correr o claustro, a portaria e os largos corredores. Servir-nos-ha de *cicerone* o autor anonimo já tão citado neste capitulo. Elle nos encaminhará como conhecedor da casa, porque de lá era, mostrando ao leitor o que houver digno de menção· Digamo-lo, pois.

(Continúa).

G. DE MATOS SEQUEIRA

---

(1) D. Maria de Noronha tão agradecida ficou aos jesuitas pela solenidade da trasladação, que doou á igreja do noviciado, uma caçoula, uma lampada e dois pevitarios de prata, para ornamento da capela mór.

(2) A cozinha dos jesuitas em 1841, servia de laboratorio quimico.

(3) Pouco tempo depois da instalação dos noviços, vieram habitar o collegio todos os dos collegios de Evora e Coimbra que tinham sido extintos, e ahi estiveram até que estes foram novamente criados.

(4) O padre Carvalho da Costa, que escreveu nos primeiros annos do seculo XVIII, diz, no 3.º volume da sua conhecida corografia, que naquelle sitio havia 14 hortas, alguns casaes e muitas quintas.

(5) Citado Mss A-4-11,

(6) Mss da B. Nacional B-5-24, Cap. 5.º Paginas 57.

Generosidade de Demosthenes

Uma das luctas tribunicias mais notaveis da antiguidade foi a que se travou em Athenas, entre Demosthenes e Eschines, durante o famoso processo chamado da *Corôa*.

Athenas dividia-se então em dois partidos politicos: n'um militavam os cidadãos que, como Demosthenes, não queriam acceitar a dominação que a pretexto de alliança, intentava impor lhes Philippe, pae de Alexandre.

Este partido achava-se dispôsto a repellir com as armas o intruso rei da Macedonia. O outro, considerava ou fingia considerar vantajosa para Athenas a alliança com Philippe. O seu chefe na tribú era Eschines, a quem suppunham em relações interessadas com o referido soberano.

Em uma das muitas alternativas d'este celebre processo politico, intentou Eschines uma accusação contra Demosthenes, seu rival em eloquencia e seu inimigo declarado; mas todos os seus esforços foram inuteis; o tribunal repelliu a accusação.

N'isto apresentou-se uma circumstancia solemne que Eschines aproveitou para renovar os seus ataques.

Um dos principaes cidadãos de Athenas, Ctesiphonte, propuzéra um decreto, em virtude do qual se offerecia a Demosthenes, thesoureiro publico, uma corôa de ouro pelos seus actos de patriotismo e especialmente por havêr reparado, a expensas suas, as muralhas da cidade. O projecto de decreto declaráva que Demosthenes receberia a corôa por causa das suas virtudes e dos beneficios que d'elle havia recebido o povo.

Eschines accusou Ctesiphonte de ter querido, contra as leis, conferir uma corôa a um administrador que não prestára contas, e de haver exaltado indevidamente a virtude e patriotismo de Demosthenes, que, segundo Eschines, não éra um homem honrado, nem um cidadão prestante.

Tal era o motivo do debáte. O mais selecto de Athenas estava presente. O pôvo ia pronunciar o seu juizo contra um dos dois oradôres, os mais celebres que a Grecia possuia. O espectaculo era imponente. Todos os corações palpitavam commovidos.

Os oradôres fizeram-se mutuamente graves accusações; mas Demosthenes estava tão feliz, tão eloquente, tão admiravel, tão assombroso, que não só foi absolvido por acclamação de todos, se não que lhe foi decretada triumphalmente a corôa pelo vóto popular. Eschines foi condemnado ao ostracismo.

Afastava-se Eschines tristemente da praça publica, depois da humilhação que recebêra, quando, de repente, sentiu que alguem o chamava. Era Demosthenes que ia offerecêr-lhe uma parte dos seus havêres e consolal-o na sua affiição.

«Como! — exclamou então Eschines com as lagrimas nos olhos; como poderei esquecêr uma patria onde ha tão generósos inimigos?

Eschines retirou-se para Rhodes e fundou ali uma cadeira de eloquencia. Deu comêço ás lições com a arenga contra Demosthenes.

«É possivel — exclamaram os ouvintes, que, com uma defêsa d'estas fosseis vencido?!

«Esperai, respondeu Eschines, sorrindo.

E leu o discurso do seu rival.

O audictorio ficou admirado e applaudio estrepitosamente.

«Que não farieis, acrescentou o oradôr vencido, se tivesseis ouvido o proprio leão?

Tal era o espirito publico nos grandes dias da Grecia.

MARIO DE SANTA RITA.

CIENCIA MODERNA

UM CINEMATÓGRAFO ACESIVEL A TODOS

Agora que o publico de Lisboa tem a verdadeira mania dos cinematógrafos, correndo pressuroso para esse genero de espétaculos, parece-nos oportuno indicar um novo aparelho d'este genero, e cujas condições de preço e montagem se acha ao alcance da maior parte.

O aparelho para a tiragem de quadros ou panoramas consta de duas partes essenciaes; um caixilho, que serve de camara escura, e um aparelho que suporta a objectiva da maquina.

O caixilho metalico, semelhante aos que se usam atuálmente nos aparelhos de fotografia, tem a uma altura determinada, uma fresta, de dimensão egual á dos clichés a impressionar e um obturador que permite abril a ou fechal-a.

O aparelho giratorio dos clichés está metido n'uma caixa, a qual se move com um mecanismo de relojoaria — Quando se quer suspender o movimento, uma roda dentada prende o aparelho.

Carregando o caixilho com chapas, na camara escura, introduz-se este no aparelho, regulando a velocidade da marcha e a abertura do obturador consoante a intensidade de luz — em seguida, dá-se movimento de rotação ao aparelho e cada uma das chapas vae sucessivamente sendo colocada em frente do obturador, com movimentos rapidos obtendo-se assim a fotografia animada de qualquer corpo.

Terminada esta operação, fecha-se a fresta do caixilho, e na camara escura revelam se as chapas e fixam-se as imagens, por qualquer processo conhecido.

Para a projéção de vistas, um pequeno cinematógrapho, cuja iluminação póde ser uma lampada de incandescencia é accionado por uma manivéla, imprimindo-se rotação ás imagens produzidas nas provas fotograficas.

O auctor deste novo aparelho é Clermont Huet que o construiu por conta da sociedade inglêsa *The animated photograph.*

ANTONIO A. O. MACHADO.

LITTERATURA INFANTIL

Bibliotheca das creanças

Prosegue briosamente a publicação d'esta interessante serie de livrinhos encantadores com que o sr. Henrique Marques Junior tem enriquecido o fundo, não muito abundante nem muito selecto, que constitue entre nós este ramo muito especial da litteratura infantil.

O volume que ora sahiu á luz é já o VIII e contem alguns dos adoraveis contos dos Irmãos Grimm illustrados com gravurinhas reproduzidas das edições estrangeiras.

Henrique Marques Junior, firme na orientação dos seus trabalhos, preservera em tornar accessiveis ás creanças portuguezas estes primores litterarios adequados ás suas edades infantís, e mostra-nos ao mesmo tempo a sua indole de espirito egualmente infantil e bom, dedicando este pequeno voluminho a uma das suas pequenas irmãs.

O publico parece ter percebido este caracter dedicadissimo do traductor pelos seus pequeninos leitores, por isso que o numero d'estes augmenta de dia para dia, e as edições que são verdadeiros primores da conhecida casa editora *Livraria Moderna,* vendem-se, exgotam-se e reimprimem-se. Nisto está o melhor elogio da collecção, para a qual se annuncia já neste volume VIII, mais dois prestes a saír, um no prélo já, outros em preparação nas mãos do seu laborioso auctor e que se subordinam aos titulos suggestivos e attrahentes de *Lendas ao Luar* e *Contos do Natal.*

Lido o volume que temos presente bellamente intitulado — *Palhetas de oiro,* precedido de uma carta muito lisongeira para Henrique Marques Junior, carta-prefacio, *Carta aberta* de Gomes Leal, deliciados os leitores com os dez contos de Grimm que nelle se encerram, só resta suspirar pelo apparecimento dos volumes annunciados, que devem continuar as honrosas e agradaveis tradições d'esta collecção querida de nossos filhos·

V. RIBEIRO.

O MEZ METEOROLOGICO

Abril. 1907

Barometro: — Max. altura, 767^{mm},3 em 30.
— Min. » 754^{mm},9 » 2.

Durante o mez tres depreções invadiram a peninsula. A mais profunda foi em 1 de Abril, atingindo o barometro, em 2, o seu minimo — A 2.ª foi em 11, em que a minima barometrica foi de 755^{m},0 em 13 e cónservou-se na peninsula até 17, e por fim, a ultima, em 27 que não deu chuva (Min. Bar: 757,6).

Termometro: — Max. 26°,0 em 24. Min. 8°,9 em 28.
Chuva: — 65mm,6 em 14 dias.
Em 14, a chuva foi de 10mm,7 e em 21, de 17mm,4 com trovoada, de madrugada.
Vento dominante: — N. NW.
Nebulosidade: — Ceu limpo ou pouco nublado 10 dias; nublado, 16 dias; encoberto, 4 dias.
Higrometro: — Max: 100 em 5.
« Min: 23 em 24.
Evaporação em 24 horas: Max: 6,8 em 25. Min: 0,7 em 5.
Em 15, a evaporação foi de 0,8 millimetros.

NECROLOGIA

Conselheiro Telles de Vasconcellos

Nesta secção lutuosa temos hoje a registrar o nome de um homem illustre que figurou vantajosamente na politica portuguêsa por mais de 30 annos, e que exerceu funções de alta magistratura, em que deu provas de rétidão e ao mesmo tempo de bondade.

Era este o caracter do conselheiro Antonio Telles Pereira de Vasconcellos Pimentel, que faleceu em Lisboa no dia 13 do corrente.

Nasceu em Bouças, concelho de Arouca, no anno de 1833 e cursou a Universidade de Coimbra formando-se em direito por 1857.

Principiou sua carreira publica por governador civil do districto de Coimbra e da Guarda, terra por onde depois foi eleito deputado em 1858, mantendo a sua candidatura por este districto até 1882, e só a deixando para tomar assento na camara alta como par do reino.

Durante vinte e quatro annos ocupou honrosamente sua cadeira de deputado em que foi parlamentar dos mais distintos, pertencendo á velha guarda do partido regenerador. Na camara dos pares chegou á presidencia, que é o ponto culminante a que póde aspirar um membro daquella illustre assembléa.

CONSELHEIRO TELLES DE VASCONCELLOS

Quando, em 1892, foi chamado aos conselhos da corôa, honra a que por mais de uma vez se havia escusado, tinha o largo tirocinio de trinta e quatro annos de vida politica, com a experiencia dos negocios publicos que só o tempo dá.

Se compararmos isto com o que hojé está sucedendo, vêmos quão acessivel vae sendo a eminencia do poder, pelo que não sabemos se é este que tem descido, ou se os politicos são agora de maior estatura para lá subirem mais depressa.

Telles de Vasconcellos acedeu então a aceitar a pasta da justiça na recomposição do ministerio a que presidia o sr. José Dias Ferreira, e acedeu por patriotismo, quando o cargo era pouco de invejar.

Durante a gerencia desta pasta foi-lhe tambem confiada a pasta do reino, quando o presidente do conselho teve de acompanhar a Madrid Sua Magestade El Rei D. Carlos por ocasião do centenario do descobrimento da America.

Destes dificeis cargos se desempenhou condignamente Telles de Vasconcellos.

Era tambem juiz do Supremo Tribunal Administrativo.

Publicou varios trabalhos sobre questões administrativas, e dirigio durante algum tempo o *Diario Illustrado.*

Foi vice-presidente do conselho superior da administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

Nestes ultimos annos abandonara a politica partidaria, desgostoso com a marcha dos partidos, e conservava-se independente.

Possuia varias grã-cruzes e commendas nacionaes e estrangeiras, merecidas distinções por seus serviços á causa publica.

A sua illustre familia endereçamos nossas condolencias.